

DIVÓRCIO DOS PAIS: ATÉ QUE PONTO ISSO INTERFERE NEGATIVAMENTE NOS FILHOS QUE ESTÃO EM FASE DE DESENVOLVIMENTO

Daiane Cristina Macedo Cruz¹

Elane Carvalho de Santana²

Laíge Pereira Barbosa³

Sara Querzia da Cruz Silva⁴

Sarah Raquel Siqueira Silva⁵

Vera Lúcia Barbosa⁶

Psicologia



ISSN IMPRESSO 1980-1785
ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

A separação conjugal é um tema que se tornou muito presente na realidade de algumas famílias. Muitos pais não sabem como conduzir essa situação, gerando um mal estar psicológico nos filhos, que são os principais envolvidos nesse acontecimento. Em especial, as crianças pequenas acabam absorvendo um problema que está além da sua capacidade de compreensão. A criança que vive num meio no qual presencia o conflito entre os pais, estará correndo o risco de absorver o sofrimento destes, sem ter uma noção clara dos motivos que ocasionaram tal acontecimento. Este fato pode gerar traumas na criança, que poderão estender-se até a vida adulta. Nesse contexto, questiona-se: o divórcio, realmente, afeta o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos filhos que ainda estão em fase de crescimento? A metodologia desse estudo baseou-se na busca das bases de dados do Scielo, Capes Periódicos etc. Também foram utilizadas fontes impressas como periódicos da biblioteca Jacinto Uchoa, do campus da Farolândia. O trabalho desenvolvido pretende destacar a maneira como os filhos encaram o divórcio dos pais, bem como algumas possíveis modificações no ciclo familiar advindas desse fato. O estudo conclui que a separação conjugal implica numa reorganização das atividades do casal, e todos os envolvidos, principalmente os filhos, devem ser levados em conta nesse momento. O casal deve pensar nas atitudes que deverá tomar para que o impacto desse evento não seja tão doloroso para os membros da família. Não é necessariamente o divórcio em si que causa danos aos filhos. O que gera problemas para eles são os conflitos e o sofrimento vividos pelos pais, sendo estes separados ou não.

PALAVRAS-CHAVE

Divórcio. Separação Conjugal. Família.

A divorce is a topic that has become very present reality in some families. Many parents do not know how to handle this situation, creating a psychological malaise in children that are involved in the main event. In particular, young children end up absorbing a problem that is beyond your comprehension. A child who lives in an environment in which witnesses the conflict between the parents, will be running the risk of suffering absorb these without having a clear understanding of the reasons that caused this event. This can lead to trauma in children, which may extend into adulthood. In this context, the question is: divorce really affects cognitive development, social and emotional development of children who are still in the growth stage? The methodology of this study was based on a search of the Scielo databases, etc. Capes Periodicals. Were also used as sources printed periodicals the library Jacinto Uchoa, campus Farolandia. The work aims to highlight how children perceive their parents' divorce, as well as some possible changes in the family cycle resulting from this fact. The study concludes that marital separation implies a reorganization of the activities of the couple, and all involved, especially the children, must be taken into account at that time. The couple should think about the attitudes that should take for the impact of this event is not so painful for family members. Not necessarily the divorce itself that harms children. What creates problems for them are the conflicts and suffering experienced by parents, these separated or not.

KEYWORDS

Divorce. Marital Separation. Family.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como temática um assunto de grande relevância para o âmbito familiar: O divórcio. Tem se observado, que esse rompimento atinge não somente o casal, mas também os filhos. Estes acabam tendo que lidar muito cedo com uma situação difícil e de grande impacto sobre suas vidas.

Dentro desse contexto, questiona-se: De que maneira o divórcio afeta o psicológico dos filhos que ainda estão em fase de crescimento? Será que esse fato é tão impactante, a ponto de interferir no seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional?

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivos: a) identificar os indicadores de menor bem-estar nos filhos de pais separados; b) relacionar a maneira amigável de alguns pais conduzirem a separação com aqueles que vivem uma relação conflituosa pós-divórcio, observando de que maneira isso afeta os filhos; c) analisar se é o divórcio dos pais que provoca efeitos negativos nos filhos pequenos ou a maneira como ele é conduzido; d) apontar alguns estudos que indicam se crianças, em fase de desenvolvimento, estão mais propensas a sofrer os efeitos do divórcio dos pais.

Justifica-se a importância deste trabalho, por ser um tema frequente na realidade de muitas famílias. As entidades familiares são vistas como um suporte para os filhos pequenos, que por sua vez necessitam da proximidade emocional com ambos os pais. Muitos não sabem como lidar com essa situação, vivenciando um grande mal estar psicológico. Os filhos que presenciam tal acontecimento acabam absorvendo um problema que está além de sua capacidade de compreensão.

Os pais precisam saber conduzir a crise do divórcio, de maneira a não prejudicar o bem estar dos seus filhos. As crianças têm suas necessidades emocionais que precisam ser supridas. Do contrário, elas acabarão apresentando uma variedade de problemas não só na infância, mas que poderão estender-se até a vida adulta.

É necessário levar a sério os riscos advindos da separação conjugal. Para isso, deve-se enfatizar a importância desse estudo, pois, muitos pais podem ficar tão envolvidos em seus próprios problemas, a ponto de não levarem em consideração os danos que esse evento pode causar dentro da família. É importante que o casal receba orientação psicológica, para que possa dar a devida assistência aos seus filhos.

A metodologia baseou-se na busca das bases de dados do Scielo, da Capes Periódicos etc., utilizando-se as seguintes palavras-chave: divórcio, separação conjugal, pais, família e filhos. Foram selecionados nove artigos e utilizados quatro. Também foram utilizadas fontes impressas como periódicos da biblioteca Jacinto Uchoa, do campus da Farolândia.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O divórcio é um evento que provoca uma série de mudanças dentro do ciclo familiar. Os envolvidos precisam aceitar as mudanças advindas desse rompimento e tentar procurar uma forma de contornar essa situação. Do contrário, todos os membros da família poderão sofrer as consequências provenientes da separação (RAMIRES, 2004).

As adaptações infantis dependem da quantidade e qualidade do contato com a figura parental, bem como do próprio ajustamento dessa figura diante das possíveis dificuldades provenientes desse evento. O filho poderá ocasionalmente, absorver o desgaste vindo dos inúmeros eventos estressores sofridos pelo detentor de sua guarda. Por outro lado, os filhos de divorciados poderão ser bem ajustados quando os cônjuges separados forem capazes de proporcionar-lhes um ambiente de cuidado positivo, e livre do estresse inerente à sobrecarga que muitas vezes é gerada nos pais pela separação (HETHERINGTON; HAGAN, 1999 apud SOUZA, 2000, [n.p.]). Além disso,

as mães com sintomatologia depressiva exibem mais afeto negativo, mais comportamentos negligentes, mais comportamentos hostis, menor consistência educativa, menos comportamentos parentais positivos, menores cuidados com a saúde da criança, menor disponibilidade emocional e mais comportamentos parentais de risco. Como resultado, as crianças de pais separados deprimidos ou ansiosos apresentam maior probabilidade de desenvolver perturbações de depressão e ansiedade, mais comportamentos oposicionais, menor autoestima, pior comportamento social, pior rendimento acadêmico, maiores défices de atenção e maiores dificuldades de relacionamento interpessoal. (RAPOSO et al., 2011, p. 31).

De acordo com Dantas e outros autores (2004, p. 351), “[...] [em] muitos casos, a dificuldade em se lidar com a separação [...], pode colaborar para que as mães dificultem o contato entre pais e filhos”. Essa atitude pode prejudicar a relação paterna com os filhos, causando um afastamento entre estes. À mãe que ficou com a guarda da criança, cabe a tarefa de facilitar o contato desta com o pai, pois se devem colocar em primeiro lugar as necessidades do menor.

De acordo com Souza (2000), o desejo de reconciliação aparecia apenas entre aqueles filhos que tinham contato raro ou inexistente com a figura parental não residencial, quer fosse o pai ou a mãe. Ou seja, se o não detentor da guarda se mostrar presente, talvez o filho não sofra com o divórcio em si.

Os autores relatam um grande problema de comunicação entre pais e filhos decorrente do processo de separação, pois há em muitos pais, a ideia de que falar sobre o divórcio perturba as crianças. Daí, os filhos escondem seus sentimentos e os pais entendem o silêncio como ausência de dificuldades. Assim,

[...] [a] coparentalidade cooperativa, definida pelo envolvimento conjunto e recíproco de ambos os pais na educação, cuidados e decisões sobre a vida dos filhos, é igualmente decisiva no ajustamento da criança ao divórcio. Os pais que exercem uma relação de coparentalidade cooperativa, ao imprimirem prioridade ao bem-estar dos filhos, mantém uma relação construtiva, com novas fronteiras, novos papéis parentais flexíveis e maleáveis entre si, com vista a resposta às necessidades da criança. Nesse sentido, os pais partilham a responsabilidade pela educação dos filhos e cooperam na tomada de decisão. (RAPOSO et al., 2011, p. 31).

Geralmente, o conflito interparental é caracterizado por sentimentos negativos, o que inclui a tristeza e a raiva, bem como diálogos agressivos e falta de cooperação nos cuidados com os filhos. Esse ambiente familiar estressante causa insegurança na criança, pois causa um impacto negativo no seu ajustamento psicológico.

Uma informação clara, dada por ambos os pais, favorece a compreensão de que houve ou haverá uma separação. A falta de explicações sobre como será a vida dali para frente parece ser um dos temas de grande sofrimento infantil. Segundo, para muitos filhos, era muito cedo para compreender o que isto significava na prática. A criança acaba tendo que enfrentar não só as modificações da estrutura e funcionamento familiar, mas também alterações profundas em sua rotina de vida, o que, por si só, é extremamente doloroso e difícil até para um adulto (SOUZA, 2000).

Um dos fatores que tem causado um pior ajustamento da criança a separação dos pais, é a diminuição da estabilidade financeira. As dificuldades econômicas que surgem após esse momento parecem ocasionar uma redução do sucesso acadêmico da criança (RAPOSO et al, 2009).

O problema da falta de recursos econômicos pode significar para a criança menor conforto, qualidade de vida e oportunidade de estudar em boas escolas. Da mesma forma, os momentos de lazer e cultura podem tornar-se raros. Essas atividades são essenciais para o desenvolvimento social e cognitivo da criança. Os pais podem ter alterações de humor e estresse, por não poderem providenciar cuidados necessários à criança.

Outra realidade muito frequente no processo de separação dos casais, é que muitas mulheres sentem-se sobrecarregadas, visto que muitas vezes não há divisão igualitária dos papéis. Assim, elas se sentem sozinhas nas funções diárias que são envolvidas na criação dos filhos. O homem parece não saber como manter a sua presença na vida dos filhos. As-

sim, uma divisão mais justa de funções parece ser um dos passos em direção a mudanças eficazes que favorecerão um bom convívio para todos (DANTAS et al., 2004).

Temperamento e nível de desenvolvimento são fatores diferenciais na elaboração do processo de adaptação ao divórcio parental. Crianças com temperamento fácil demonstram maior facilidade de adaptação positiva a essa transição familiar. Além disso, o divórcio não causa necessariamente maior impacto numa idade em especial, mas sim efeitos diferentes conforme o estágio desenvolvimental da criança. Observa-se que quanto mais elevado o nível de desenvolvimento da criança, melhores os índices de adaptação a separação dos pais (RAPOSO et al., 2009).

Crianças em idade pré-escolar apresentam maior risco desenvolvimental para caminhos sociais e emocionais desadaptados, em comparação com crianças de mais idade. Algumas tarefas podem ficar comprometidas pela incapacidade da criança, de compreender as mudanças e o significado do conflito e do divórcio parental. A imaturidade das suas estruturas cognitivo-emocionais faz com que sejam pouco capazes de avaliar os processos e as consequências da separação e concentrem em si a responsabilidade pela ruptura entre os pais, junto a sentimentos de impotência diante dessa aflição (RAPOSO et al., 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou destacar a maneira como os filhos encaram o divórcio dos pais, bem como algumas possíveis modificações no ciclo familiar advindas desse fato. A separação conjugal implica numa reorganização das atividades do casal, e todos os envolvidos, principalmente os filhos, devem ser levados em conta nesse momento. O casal deve pensar nas atitudes que deverá tomar para que o impacto desse evento não seja tão doloroso para os membros da família.

A infância é um momento único na vida das pessoas. Assim, deverá ser vivida de maneira tranquila e feliz. A saúde mental da criança costuma ter ligação direta com o bem estar dos pais e a qualidade do relacionamento entre eles. Se ela crescer numa família onde o casal esteja em conflito, estará correndo o risco de absorver o sofrimento do casal, sem ter uma noção clara dos motivos que acarretaram esse acontecimento. Tal fato pode prejudicar o desenvolvimento social, emocional e mental da criança, gerando traumas até a vida adulta.

Não é o divórcio em si que causa danos aos membros da família. Também seria prejudicial às crianças se o casal adiasse a separação em prol delas, mas não buscasse manter uma amizade saudável. O divórcio é mais bem compreendido pelos filhos, quando os pais sabem conduzi-lo de maneira amigável. Dessa maneira, esse evento pode até ser encarado de forma positiva, pois os filhos aprenderão a se adaptar mais cedo nas situações de perdas que por ventura surgirão no decorrer de suas vidas.

DANTAS, Cristina et al. Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. **Paidéia**. Rio de Janeiro, 2004, vol. 14. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n29/10.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2012.

RAMIRES, Vera Regina Rohnelt. As transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes. **Psicologia em Estudo**. Maringá, 2004, vol. 9. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n2/v9n2a05.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2012.

RAPOSO, Hélder Silva et al. Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais. **Revista Psiq. Clínica**. Portugal, 2010, vol. 38. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v38n1/a07v38n1.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2012.

SOUZA, Rosane Mantilla. Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. São Paulo, 2000, vol. 16. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4807.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2012.

Recebido em: 21 de julho de 2013

Avaliado em: 28 de julho de 2013

Aceito em: 05 de agosto de 2013

- 1 Acadêmica em Psicologia pela Universidade Tiradentes (UNIT). Campus Farolândia/Aracaju. E-mail: edsonpslima@hotmail.com
- 2 Acadêmica em Psicologia pela Universidade Tiradentes (UNIT). Campus Farolândia/Aracaju. E-mail: edsonpslima@hotmail.com
- 3 Acadêmica em Psicologia pela Universidade Tiradentes (UNIT). Campus Farolândia/Aracaju. E-mail: laige@msn.com
- 4 Acadêmica em Psicologia pela Universidade Tiradentes (UNIT). Campus Farolândia/Aracaju. E-mail: edsonpslima@hotmail.com
- 5 Acadêmica em Psicologia pela Universidade Tiradentes (UNIT). Campus Farolândia/Aracaju. E-mail: edsonpslima@hotmail.com
- 6 Acadêmica em Psicologia pela Universidade Tiradentes (UNIT). Campus Farolândia/Aracaju. E-mail: edsonpslima@hotmail.com

Edson Paulo Santos Lima, orientador do trabalho, é professor da disciplina Práticas Investigativas II – Universidade Tiradentes (UNIT). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe (2005) e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe (2009). Tem experiência na área de Ciências Sociais, com ênfase em Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: práticas participativas, poder, sociabilidade, cidadania e exclusão social. E-mail:edsonpslima@hotmail.com

Este artigo foi elaborado na disciplina Práticas Investigativas II do curso de Psicologia durante o semestre letivo 2012.2.